

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utteis.

37)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JANEIRO 13, 1833)



CONVENTO DA PENA EM CINTRA.

CONVENTO DA PENA EM CINTRA.

Subis de espaço a tortuosa senda:
Voltando a face, repousaes na encosta:
Cresce a altura da fraga, e as graças crescem:
No mosteiro da Pena então parando,
Monges frugaes vos mostrarão reliquias,
E estranhas lendas vos dirão de outrora.

Byron.

midades da serra de Cintra, pertencía á ordem de S. Jeronimo. Calcula-se em 3 mil pés acima do nivel do mar a altura em que foi edificado. Quando já as sombras pousam sobre os valles visinhos, ainda alli reflectem amortecidos os ultimos raios do sol, e da mui picturesca Cintra este é um dos mais magni-

ESTE convento, que está situado em uma das sum-

VOL. II.

ficos sitios. Quem pelo lado do occidente o contempla, sente uma especie de terror involuntario; porque lhe parece ver a todo o instante derrocar-se o edificio, pendurado na coroa daquelles altissimos rochedos.

O mosteiro foi fundado em 1509 por elrei D. Manuel, no sitio onde antigamente havia uma ermida consagrada á Virgem, cuja imagemahi se achava, e que continuou a ser o orago do novo templo. Para a edificação do mosteiro foi preciso arrazar os pincairos do rochedo. A primeira obra foi toda de madeira, e occupava apenas uma área de oitenta pés: passados oito annos se alevantou o mosteiro de pedra, como hoje existe.

Este edificio, construido depois do convento de Belem, e destinado a monges da mesma ordem, é uma imitação daquelle em ponto diminuto; o claustro, as abobadas da igreja, a casa capitular, tudo é no gosto da architectura, que podemos chamar greco-normanda, isto é, a architectura que, sendo fundamentalmente gothica moderna ou normanda, já mostra alguns visos de gosto classico introduzido por Miguel Angelo.

A cousa mais curiosa que existia neste mosteiro é o retabolo da capella-mór, com um sacrario de alabastro tão precioso e transparente, que fechando-se lhe uma luz dentro deixa coar luz bastante para ao pé delle se poder lêr. É todo entalhado de relevos representando os passos da Paixão, cercados de festões de flores, com suas columnas de marmore negro. O lavor subtilissimo que, a confessar a verdade, não é dos mais correctos quanto ao desenho, é obra de um certo italiano, chamado Nicolau, que o fez por ordem de elrei D. João 3.^o Havia tambem aqui uma corôa dada á Senhora da Pena por elrei D. Manuel, e feita, como a custodia do convento de Belem, do primeiro ouro que veio da India.

Ha uma tradição no mosteiro de que antigamente caíam raios frequentes vezes naquelle sitio, e que vindo alli ter um homem desconhecido ensinára aos frades uns versos latinos, que eram uma especie de párra-raios. Os frades os escreveram em todas as portas do convento; mas o que a tradição não diz é se os coriscos e centelhas deixaram de cair por aquellas altissimas e asperas penedias.

Tem a casa sua cerca pequena, que é uma pouca de terra lançada entre as fragas inhospitas que a rodeiam. Vegetam ahí algumas arvores e plantas enfeadas, e sacudidas pelos ventos que silvam por aquellas alturas, donde muitas vezes se veem as nuvens passarem inferiormente.

O que porém ha mais admiravel nesta solidão, visinha do ceu, é a saudade de seus horisontes, e o quadro magnifico que descobre aquelle que toma o trabalho de subir a tão descompassada eminencia. Twiss, que não foi grande elogiador das cousas de Portugal, diz da vista da Pena: — «É esta vista illimitada, por abranger as quintas formosissimas, situadas nas abas da serra, o palacio de Mafra em grande distancia, as solidões do oceano, o Tejo, e o continente até onde os olhos podem alcançar.» — Murphy expressa-se do seguinte modo: — «Certo que é quasi impossivel para um habitante deste mosteiro não ter pensamentos diversos dos que passam pela mente dos habitadores do valle. O que se ouve, o que se vê aqui convida ao meditar, principalmente n'um dia procelloso, quando o murmurio dos vagalhões e o bramido das tempestades infundem na alma suave tristesa. Para onde quer que os olhos se volvam, batem em obras espantosas da natureza: d'uma banda lá está o distante oceano, cuja superficie vai morrer no horisonte azul; cá na raiz do monte, o valle se as-

semelha a uma estreita caverna: alli, os rochedos pendentes, semeados pela ladeira da montanha, parecendo arrancados, e pullulando bastos do solo em que assentam, ameaçam, ao mais leve aballo, despeharem-se e esmagarem a povoação.

SEMENTEIRA DE TRIGO.

DEMOROU-SE extraordinariamente a chegada do actual inverno, e as chuvas só começaram no Dezembro ultimo. A necessidade de se deixarem escoar as terras da demasiada agua faz com que as sementeiras estejam suspensas em varias partes do reino: assim cremos que o presente artigo ainda possa aproveitar este anno a muitos lavradores, principalmente nos terrenos fortes e humidos, onde as ditas sementeiras sempre se começam mais tarde.

É da preparação das sementes que vamos fallar: este objecto tem já sido tractado na nossa lingua em escriptos especiaes, e em publicações periodicas; mas nem cousas tão uteis perdem com o ser repetidas, nem no que se tem dicto sobre a materia se tem apontado tantas circumstancias como as que mencionamos neste logar.

Ha muitos annos que em França se não semeia trigo sem o prepararem primeiramente. Costumam caldealo, tomando doze alqueires de trigo e treze arrateis de cal em pó, deitando tudo bem misturado em uma dorna, e lançando-lhe por cima agua quente, de modo que o trigo fique cuberto de agua algumas pollegadas. Tiram então a semente para fora, deixam-a escorrer um pouco, e vão immediatamente lança-la á terra.

Mas o methodo mais excellente de preparar o grão, e que hoje é mais seguido, tem alguma differença. Toma-se um cesto de estrume de animaes, que leva obra de quatro alqueires: este cesto enfia-se n'um pau atravessado em cima de uma dorna: dentro do cesto lança-se um almude de agua a ferver, a qual coando-se pelo estrume vae cair no fundo da dorna: depois tira-se aquelle cesto e poem-se outros, repetindo a operação até a dorna estar meia de agua.

Feito isto, quando a agua estiver já em tal gráu de calor que se lhe possa metter a mão, deitam-se-lhe dentro tantos alqueires de trigo quantos foram os cestos de estrume. Todos os grãos furados e as sementes de hervas vem ao de cima e se podem facilmente tirar.

Lava-se então o trigo por meia hora, não mais, e despeja-se logo a agua; depois deita-se em cima do trigo uma tigella pequena de cal em pó, por cada alqueire; meche-se tudo muito bem, e sem detença se vae semear, isto para que a cal não tenha tempo de seccar e cair; porque nesse caso não destruiria o germen do murrão, que estraga as mais esperanças searas.

Este methodo de preparar as sementes já é usado em varios districtos de Portugal; mas é necessario que se generalise para se experimentarem os seus maravilhosos effeitos. Cremos que o introductor do invento no nosso paiz foi o Sr. Girão; mas já em Coruche o segue o Sr. Bettencourt, e em Vizeu o Sr. João da Cunha. Na Beira, principalmente nas visinhanças do mar, o murrão destroe muitas vezes as searas em Junho, já no auge do seu crescimento; mas os proprietarios que, como o Sr. Brandão de Estarreja, e o Sr. Soares Barbosa da Arrifana, seguem o novo systema, estão inteiramente livres de verem os seus campos estragados por tão cruel flagello.

Não basta, comtudo, attender só á preparação da semente, é preciso dispor a terra para produzir bem.

Além do que vulgarmente sabem os lavradores nesta materia, e que não poremos aqui para não encher inutilmente papel, ha algumas circumstancias que não são geralmente sabidas. Uma das cousas que concorrem para as searas não prosperarem é o encherem-se de plantas e hervas, que absorvem parte da substancia da terra, e que embaraçam o crescimento e aperfeiçoamento do trigo. Ainda que se mondem, grande parte do mal já está feito, e a monda nunca acaba de todo. Para evitar este inconveniente um proprietario das visinhanças de Penafiel usa do seguinte methodo: logo depois das ceifas, lavra a terra: deixa passar tempos até que comecem a nascer as plantas nocivas: quando estas estão bem nascidas manda revolver de novo a terra: depois disto espera que nasçam mais, e abre de novo o terreno que logo faz estrumar, deixando o assim até que rebentem algumas sementes de hervas que ficassem, e as que o estrume costuma levar consigo: em estas apparecendo manda arar de novo, revolvendo bem a terra, e então semeia o trigo. Este methodo tem produzido optimos resultados. D'antes, no districto de Penafiel, pouco trigo se dava, por que todo era comido pela hervagem; mas hoje colhem-se alli formosas searas, pois os lavradores entraram a seguir o methodo que deixamos descripto; e o mais é, que com elle, muitas vezes, depois de recolherem o trigo, ainda fazem uma sementeira de milho.

Tambem se ha de attender á escolha do trigo para a sementeira. Já fallámos, em o numero 30, do trigo gigante, ou de Sancta Helena, introduzido em Portugal pelo Sr. Rubião: aqui notaremos que mandando-se vir a semente dos paizes do norte as searas são muito mais prosperas do que fazendo-as com trigo do paiz. Em Inglaterra, na França, e na Belgica usam muito de ir busca-las á Russia e a outras partes dos paizes septentrionaes.

Quanto ao tempo de fazer as sementeiras, só a experiencia póde ensinar os agricultores. Depende isso de circumstancias locaes, que são variadissimas no nosso territorio. Alguns lavradores teem tirado notavel proveito de começarem a preparar a terra, pelo methodo que acima indicámos, no fim de Setembro, vindo a semear no fim de Janeiro, ou principios de Fevereiro. Provavelmente esta epocha será tardia de mais para os terrenos aridos: entretanto muitos proprietarios de Traz-os-Montes chegam a semear trigo em Abril, que vem á fouce nos fins de Junho. É só a experiencia tornamos a repeti-lo, quem póde ensinar o que neste ponto se ha-de seguir; mas as terras, onde se possa fazer tarde a sementeira, levarão sempre vantagem ás outras, porque se póde empregar a força do inverno para as preparar de modo, que venham depois as searas livres de todas as hervas damnosas, que roubam ao solo uma grande parte dos succos nutritivos, e ao lavrador boa porção do fructo do seu suor.

QUADROS DE HISTORIA PORTUGUEZA.

IV.

Motim em Lisboa.

(1506)

A PAGINAS 19 do primeiro volume do Panorama, escrevemos, em breve compendio, a Historia dos judeus em Portugal: lá vimos qual era o odio que o fanatismo tinha introduzido no espirito do povo contra esta desgraçada raça: poremos agora aqui um acontecimento horrivel succedido em Lisboa em Abril de 1506, o qual confirma o que naquelle artigo dissemos.

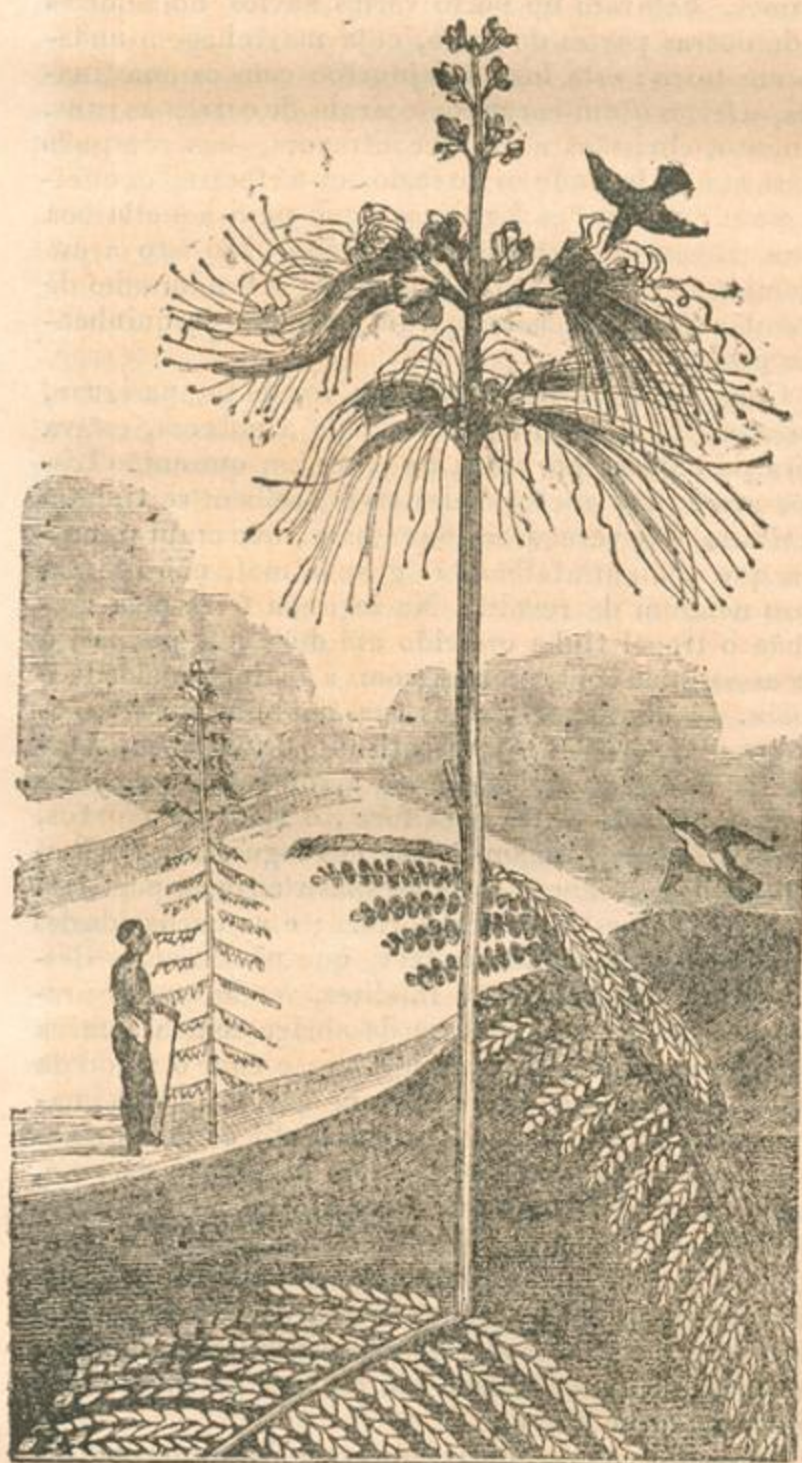
Celebrava-se na igreja de S. Domingos certa festa, a que assistia grande multidão de povo. Existia naquelle templo um crucifixo mui reverenciado, no qual

houve quem visse, ou fingisse ver, um notavel reflexo, que a ser verdadeiro devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam accesas. Gritaram logo as beatas, e mais alguns homens supersticiosos, que isto era grande milagre. Duvidavam outros do caso, e entre estes um que diziam ser christão novo, o que era naquelles tempos quasi synonymo de judeu. Começou então o povo a alborotar-se, e pegando do desgraçado sceptico o arrastaram até o meio do rocio, e alli o assassinaram, e queimaram, com incrivel prestesa. Para augmentar mais o tumulto saíram logo dois frades dominicanos, com um crucifixo nas mãos, clamando vingança contra os inimigos da fé. Accendeu-se mais com isto a raiva da plebe, e crescendo o numero dos amotinados, cresceu-lhes a ousadia. Além dos dois frades, que andavam capitaneando a gentalha, outro subiu a um pulpito, e fez uma practica infernal e blasphema, em que concitava os animos a maiores crimes. Estavam no porto varios navios hollandezes e de outras partes do norte, cuja marinhagem andava em terra: esta logo se ajunctou com os amotinados, e feitos n'um corpo começaram de correr as ruas. Quantos christãos novos encontravam, sem remissão matavam, e levando-os ao rocio, ou á ribeira, os queimavam em grandes fogueiras, que para aquella boa obra tinham de antemão preparado. Foi isto a um Domingo, e só nesse dia, segundo o testemunho de Damião de Goes, assassinaram passante de quinhentas pessoas.

Com a noite a desordem, em vez de se apasiguar, cresceu, Elrei, com a corte e toda a nobresa, estava fóra da cidade, por causa da peste em que então Lisboa ardia. As auctoridades civis tambem se tinham retirado, e os vereadores da camara, que eram os unicos que podiam atalhar tão grande mal, não fizeram caso nenhum da revolta. Na segunda feira pela manhã o tropel tinha crescido até duas mil pessoas, e os assassinios continuaram com a maior crueldade e furia. Já não apparecia nas ruas nenhum christão novo; mas o povo não estava satisfeito de matança. Atacaram as casas particulares, e arrombando as portas traziam os habitantes para fóra, e vivos ou mortos, como acontecia, os íam deitar nas fogueiras. Mulheres, velhos, creanças nada escapava ao furor popular. A morte se vestia de mil fórmas; e as barbaridades que se practicaram foram taes, que não ousamos descreve-las. Alguns destes infelizes, vendo que as proprias casas lhes não serviam de abrigo contra a raiva da plebe, se acolhiam ás igrejas, e com o medo da morte, subiam aos altares e se abraçavam com as imagens dos sanctos, mas os furiosos d'alli os íam arrancar, e acabavam com elles, sem distincção de sexo, nem de idade. — As casas das victimas desta união diabolica foram saqueadas tambem; porque o fanatismo é pae de todo o genero de crimes. Muitos christãos velhos eram igualmente mortos e roubados, e neste dia satisfizeram-se mil odios particulares; visto que no meio do tumulto nada era possivel precaver, nem havia quem o fizesse.

Passou-se a segunda noite de angustia e terror: na terça pela manhã, a carnificina continuou, porém mais frouxamente. A gentalha começava a estar saciada de sangue e de rapina. A cidade, despovoada de todas as pessoas que podiam excitar a cobiça ou a vingança da plebe, offerecia um aspecto horrivelmente melancolico, e o phrenesi popular foi acalmando. Pela tarde, o regedor Ayres da Silva e o governador Alvaro de Castro, entraram na cidade acompanhados de guardas, quando a revolta estava quasi acabada. Os estrangeiros se recolheram ás suas embarcações carregados de despojos; e o socego se restabeleceu inteiramente.

Elrei estava em Aviz quando lhe deram esta nova. Cheio de uma justa indignação mandou logo o prior do Crato e o barão d'Alvito com plenos poderes para conhecerem do caso e punirem os culpados. Duas mil pessoas tinham sido assassinadas, muitas outras estropiadas; immensas casas se achavam roubadas. Proce-deram os dois commissarios d'elrei com toda a inteir-esa; e os cabeças do motim foram enforcados, sem escaparem os dois reverendos padres prégadores, que tinham concitado as turbas com seus barbaros sermões. As auctoridades, que se tinham mostrado indifferen-tes ao successo, pagaram por seus bens a frouxidão com que se houveram. Finalmente um decreto extin-guiu a casa dos vinte e quatro, e acabou com outros muitos privilegios da cidade, que só passados annos os tornou a recuperar.



A SENSITIVA MAIOR.

(*Mimosa grandiflora*).

ESTE arbusto vistoso cresce espontaneo em ambas as Indias. Das montanhas da Jamaica foi transplantado para os jardins de Inglaterra por Mr. Norman em 1769. É da mesma tribu da sensitiva commum (*mimosa pudica*) porém menos dotado daquella faculda-de de movimento, que desenvolve, em grau tão su-bido, a sua menos esplendida companheira.

As folhas da sensitiva commum, e de muitas das

suas congeneres, quando se lhes toca, contraem-se lo-go, e parece murcharem; mas dali a pouco se endi-reitam, e recobram o vigor e postura natural. O mes-mo phenomeno acontece ao pôr do sol, mas com a aurora restituem-se ao seu estado brilhante, e nun-ca estão tão abertas, como quando o sol despede seus raios luminosos limpo de nuvens.

A causa desta singular faculdade permanece, ape-sar das hypotheses, ainda desconhecida. Á imagina-ção fecunda de Linneu occorreu a bella expressão *somno das plantas*: mas esta expressão não deve fascinar-nos, e induzir-nos a consequencias precipitadas. A actividade dos sentidos obriga ao descanso; mas porque descansarão as plantas, se ellas não sentem? . . . O que é o descanso d'um vegetal? — Que tem de commum o nosso somno com a posição que tomam as folhas d'aquelle? — Se os meios nos são occultos, o fim tambem não é menos desconhecido. Além de que entre nós e as plantas existe uma distancia im-mensa, que não comporta em tal ponto comparação, nem analogia. Esta materia é difficil e ventilada. Todavia parece que as plantas são dotadas de certo grau d'irritabilidade como os animaes.

Raras serão as pessoas, que não tenham ouvido fal-lar nos movimentos extraordinarios das folhas da sen-sitiva. Esta planta, cultivada nos jardins botanicos da Europa, tem sido alvo de bastantes experiencias e indagações, sem que os meios que a natureza em-prega para produzir a irritabilidade vegetal estejam sufficientemente descortinados. Um abalo, um leve toque, o calor, o frio extremo, os liquidos volateis, os reagentes, em uma palavra, tudo o que pôde in-fluir sobre os orgãos dos animaes influe sobre a sen-sitiva. Levada a irritabilidade ao ultimo grau, todos os foliolos se ajustam uns sobre os outros pela face superior, e o peciolo commum verga para a terra: porém ás vezes o phenomeno se manifesta só parcial-mente. Se tocarmos de leve um dos foliolos, só elle se abala, e volta sobre o seu pésinho particular: se o contacto for um pouco mais forte, a irritação se com-munica á folhinha opposta, e estes dois foliolos se unem sem que os demais soffram mudança de situa-ção. Arranhando-se com o bico d'uma agulha um sal-pico branco, que se observa nos peciolos particula-res, e que é a articulação, on charneira pela qual se move o foliolo, este abala-se subitamente, e com mu-ito maior facilidade do que applicando-se a ponta da agulha em outro qualquer sitio. O vento e a chuva fazem cerrar as folhas, mas a razão é a agitação que imprimem na planta. Ainda murchas, estas folhas teem movimentos distinctos; porque as articulações não se alteram tão promptamente como o resto, e são evidentemente a séde da irritabilidade. O tem-po necessario a uma folha de sensitiva para se res-tabelecer, varia segundo o vigor da planta, a hora do dia, a estação, e outras circumstancias da atmo-sphera: a ordem porque as diferentes partes se res-tabelecem varia igualmente. Cortando-se destramen-te com tisoura, e sem causar abalo, metade d'um foliolo do ultimo, ou penultimo par, quasi instanta-mente a folha mutilada e a que lhe é opposta se ajuntam: um instante depois, o mesmo movimento succede nos foliolos visinhos, e continúa a communi-car-se, par a par, até que toda a folha fique dobra-da. Tambem ás vezes, passados doze ou quinze se-gundos, o peciolo commum se inclina, e os foliolos se chegam, porém então a irritação, em vez de se propagar do vertice da folha á base, communica-se da base para a ponta. A agua forte, o vapor d'en-xofre, o ammoniaco produzem effeitos analogos. O ca-lor demasiado, a privação do ar, a submersão afrou-xam estes movimentos, alterando o vigor da planta.

O acaso fez com que o celebre Desfontaines presenciasse um phenomeno muito notavel. Ia de sege, e transportava consigo um pé de sensitiva: o movimento communicado á planta fez, no principio, cerrar todas as folhas, porém insensivelmente se foram abrindo, e não tornaram a fechar, durante a jornada, como se se acostumassem ao balanço da sege.

Cumpra observar que quando as folhas se dobram não é por effeito d'um desfalecimento momentaneo; pelo contrario poem-se n'um estado de contracção tal, que será mais facil estalar as articulações do que endireita-las e estende-las.

Decandolle, a quem as sciencias naturaes devem tão importantes descobrimentos, conseguiu transtornar a hora do cerrar das folhas da *mimosa pudica*, mettendo esta planta n'uma abobada escura, allumiada com candieiros durante a noite. As folhas, illudidas [seja-nos licita esta expressão] por aquella luz artificial, estendiam-se como á luz do dia; e sepultadas na obscuridade durante o dia, fechavam, como costumam fazer de noite. Porém alguns naturalistas observaram que esta mesma sensitiva, collocada em logar mui obscuro, *vigia e dorme* muitas vezes ás mesmas horas, como quando está no seu estado natural: e Decandolle não pôde alterar as horas da *mimosa leucocephala*, nem as d'outras, posto que as submettesse á mesma experiencia praticada com a *mimosa pudica*.

Esta ultima dá bonitas flores no fim do verão; e multiplica-se de sementes, que conservam, pelo que dizem, a sua virtude germinante por quarenta annos. — Alguns auctores tem attribuido á sensitiva virtudes medicinaes, como a propriedade d'excitar a salivação, mastigadas as suas folhas, e a de acalmar a tosse, aclarar a voz, abrandar a dôr dos rins, &c.

A FAMILIA FUGGER.

FUGGER era o appellido de certa familia, cujos membros exerciam o officio de tecelões em uma aldeia na vizinhança de Augsburgo. Tinham por este meio ajuntado tão grande cabedal que poderam alcançar serem negociantes matriculados daquella cidade, e contados no numero dos cidadãos. Continuou aquella familia a fabricar pannos; mas ao mesmo tempo abalançou-se a empresas commerciaes vastissimas, entrando com negociantes nossos em commercio para a India, onde só os portuguezes então negociavam. Por fim tendo emprestado sommas avultadas a Maximiliano 1.^o e a Carlos 5.^o obtiveram os Fuggers diplomas de nobreza, e foram depois elevados á cathegoria de condes do imperio. — Carlos 5.^o, passando por Augsburgo, e alojando-se em casa do chefe desta familia, foiabi tractado com espantosa magnificencia. O fogo que se accendia nos fogões das sallas era alimentado com paus de canella, e o dono da casa ahi metteu uma vez no lume, diante do imperador, os escriptos de divida que tinha das sommas que emprestára para a guerra com as potencias de Berberia. Os Fuggers compraram na Suabia muitos senhorios directos, o que lhes deu jus a serem membros da Dieta Germanica. Uma fabrica de pannos ser o berço de uma familia que podia aparentar-se com qualquer soberano, fôra phenomeno raro em qualquer tempo ou logar, mas era-o principalmente em um paiz e n'uma epocha, em que tanta influencia tinha o orgulho feudal.

Os BULCÕES.

Os FURACÕES que assolam as Antilhas, as ilhas de

França e de Bourbon, o reino de Siam, a China, o Japão, e varios outros paizes situados entre os tropicos, ou na sua proximidade, são meteoros que não differem das tempestades e procellas, senão em serem ainda mais violentos. Estes phenomenos terriveis procedem do movimento do ar: a sua rapidez é tres vezes maior do que a do animal mais ligeiro. Torrentes de neve e de granizo, um trovejar continuo, coriscos que centelham e se despedem do ceu para a terra e da terra para o ceu se reúnem ao vento para destruir tudo quanto lhes fica debaixo. Desabam os edificios mais solidos, as mais robustas arvores se desarraigam, as sementeiras ficam anniquiladas, e os fragmentos de tudo isto são arrebatados a desmesurada distancia pelo furacão. Os nossos portuguezes que navegavam para a India faziam menção deste horrivel meteóro a que chamavam bulcão; e nos historiadores das cousas da Asia lemos os tremendos effeitos da sua furia. Os desastres que causa no mar, nos portos, nos surgidouros são tambem espantosos: emfim parece que a agua, o fogo, e os homens aporfiaram uma e muitas vezes em devastar os paizes, onde só por algumas horas passou um destes bulcões.

Os animaes tanto bravios como caseiros são quem primeiro dá signal do perigo, antes de elle começar, o que parece ser effeito do estado da atmosphaera.

Ainda se não sabe a que se hão-de attribuir os bulcões; parece que a electricidade é uma das causas principaes desta convulsão que agita a natureza.

O EGOISMO.

OBSERVAM os phisiologistas que o sentimento do egoismo nasce, a maior parte das vezes, da fraquesa ou da imperfeição da nossa organisação physica. Se a bel-prazer podessemos supprimir em qualquer individuo um ou dois sentidos, e diminuir-lhe assim as facultades que lhe facilitam o tracto com os outros homens, augmentariamos nelle o amor exclusivo de si proprio. Tem-se apontado observações curiosas a este respeito, nos collegios de surdos-mudos e de cegos de nascença. Era de ver a cubiça com que na maior parte delles repartiam entre si os escolares o espolio de qualquer collegial que morria. Daqui veio prohibir o celebre abbade Sicard, instituidor destes collegios, que se fizessem semelhantes distribuições. Costumava elle dizer que isto o affligia, por que assim se desnudava demais o predominio do interesse privado. Os idiotas, os parvos, e diversas especies de alienados viveza tambem sem lhes importar o bem ou o mal dos que os rodeam; vegetam estes em perpetuo egoismo.

Esta palavra, de que nos servimos para representar aquelle sentimento intimo que nos faz pospor todas as considerações do bem ou mal alheio para só attendermos ao nosso proveito individual, tomamo-la dos francezes, porque o vocabulo faltava na língua, posto que o sentimento não faltasse nos corações. E' o egoismo a principal das nossas paixões pessoaes; é uma doença desgraçadamente communissima, que offende muitas vezes os interesses sociaes, e que se tem manifestado por diversas maneiras em todas as epochas da civilisação.

Ainda que o sentimento do egoismo seja parte da natureza humana, converte-se, comtudo, em odioso vicio, se não se contem em justos limites. Quem se esquece de que vive no meio da sociedade é criminoso para com os seus semelhantes: por isso assemtou-se em que convinha esconder este principal moitor da nossa conservação com todo o cuidado, como uma imperfeição vergonhosa, que ninguem confessa, do mesmo modo que ninguem confessa que seja avaro.

É, portanto, o egoista um ente essencialmente antisocial; é um escravo d'organisação physica; escravo que nenhuma lei reconhece, salvo a que lhe impoem as proprias necessidades: não vê diante de si senão o presente, e passa toda a vida a dispôr o seu bem estar material. Pensa só no goso do momento em que se acha; olha-se como a mais importante creatura, e a tudo prefere a sua insupportavel individualidade.

Ha occasiões em que o egoismo apegando-se a toda a gente corrompe de golpe o genero humano: caracteriza isto a decadencia das sociedades. Tal egoismo foi quem fez crer a alguns philosophos que o interesse pessoal era o unico motor das acções dos homens. —

CASAMENTOS DE VARIA ESPECIE.

No rio de Sofala, obra de quatro leguas da fortaleza, pelo rio acima, começa uma ilha chamada Maroupe, que tem oito leguas de comprido, e no mais largo legua e meia, pouco mais ou menos. Um portuguez, chamado Rodrigo Lobo, era senhor da mór parte desta ilha, da qual lhe fez mercê o Quiteve [rei cafre do sertão] por ser muito seu amigo; e junctamente lhe deu titulo de sua mulher, nome que o rei chama ao capitão de Moçambique, e ao de Sofala, e aos mais portuguezes, que muito estima, significando com o tal nome, que os ama, e quer que todos lhe façam cortesia como a sua mulher: e realmente assim é; que todos os cafres veneram muito os portuguezes, que teem titulo de mulheres delrei.

Um anno succedeu que o dono desta ilha, Rodrigo Lobo, fez uma caçada com muitos cafres, seus escravos e vassallos, moradores na mesma ilha, e entre muito gado que mataram, junctamente foi morto um leão [cousa mais defeza em todo o reino do Quiteve, senhor e rei destas terras]; vendo-se pois o senhor da ilha com o leão morto, e que o rei o havia logo de saber [porque os cafres nenhum segredo teem, e são mui inclinados a dar uma ruim nova] mandou metter o leão em uma almadia [especie de grande canôa] e cobri-lo de rama, e poz-lhe em cima vinte pannos, e mandou tudo ao Quiteve, dizendo que elle Rodrigo Lobo, sendo mulher d'elrei, e andando fazendo a seara para seu marido, o viera cometer aquelle leão, alevantado e descortez para a mulher de seu rei, pela qual rasão lhe deu com o cabo da enchada na cabeça, por honra de seu marido, e que alli lh'o mandava morto, para que acabasse de tomar vingança d'elle, e do aggravo que fizera a sua mulher. O Quiteve recebeu o presente, e mandou-lhe dizer que fizera muito bem de matar o leão, pois fôra descortez a sua mulher. E desta maneira se acabou esta empafia [pretexto para lançar multas e fazer violencias] que Rodrigo Lobo temia pagar, pelo menos, com perder a ilha, e se fôra cafre com perder a vida, e todos os seus bens para a corôa, conforme á lei do Quiteve: mas como Rodrigo Lobo era grande amigo seu, e sabia fallar ao modo dos cafres, por metáphoras, buscou esta invenção para contentar ao Quiteve, como de facto contentou, declarando elle que a lei que tinha posta não se entendesse em Rodrigo Lobo, sua mulher muito amada. — *Fr. João dos Santos. Ethiopia Oriental.*

ACTIVIDADE.

OLHAE em redor de vós, e achareis o universo cheio de movimento e de actividade. A acção, por assim

dizermos, é o genio da natureza. — Com o movimento e bullicio se conserva o vigor dos entes; a perfeição do total das existencias nasce de continuamente se moverem as differentes cousas subordinadas umas ás outras. Volvem continuo os corpos celestes. Sem parar repetem o dia e a noite o seu acostumado curso. Na terra e no mar ha perpetua inquietação. Nada neste mundo repousa. Tudo vive e se agita no universo; e no meio desta animada e mudavel scena, o homem sómente deve jazer em repouso? Perente-lhe acaso ser o unico filho da criação a quem quadre o descanso e a priguiza, quando, por tantos modos póde melhorar a propria natureza, e contribuir da sua parte para o bem commum? — *Blair.*

ARCHIMEDES.

ARCHIMEDES, natural de Syracusa, d'uma familia distincta e parente de Hirão, rei d'aquella ilha, preferiu o estudo das mathematicas á grandeza a que por seu nascimento podia aspirar. Hirão, seu amigo e soberano, tinha com elle conferencias diarias concernentes á theoria e á practica das sciencias, que cultivava. Pretendem que certo dia, em que explicava a Hirão o poder das forças motrizes, ousou dizer-lhe, que se lhe dessem outra terra, fóra do nosso globo, onde estabelecesse as suas machinas, levantaria este a seu arbitrio. Esta fabula, narrada por muitos historiadores, deve ser incluída no numero dos erros populares, assim como a da esphera de vidro, cujos circulos, dizem, seguiam os movimentos dos circulos celestes; porém a historia dos espelhos ustorios, que empregou para queimar os navios de Marcello, que cercava Syracusa, merece mais credito. Este facto, muito tempo negado, e julgado fabula por Descartes e pelo abbade Saas, já não admite a menor duvida acerca da sua possibilidade, depois que o profundo Mr. de Buffon imaginou um espelho semelhante ao de Archimedes, porém de muito maior força, o qual é composto de quatrocentos espelhos planos, de seis pollegadas em quadrado, derrete o chumbo e o estanho a 140 pés de distancia, e incendeia as madeiras de muito mais longe. A vista de taes resultados, quem poderá julgar uma chiméra o espelho de Archimedes, que queimava na distancia de tiro de dardo, isto é, a 150 ou 200 pés? Mas, além desta, cabe ao celebre mathematico syracusano a gloria da invenção de machinas e baterias proprias para o ataque ou para a defesa das praças, de que a sua patria se serviu vantajosamente. Nem se limitavam os seus conhecimentos sómente ás mathematicas, pois que tendo um ourives misturado cobre com o ouro de uma corôa que elrei lhe mandara fazer, achou o segredo [então desconhecido, e hoje mui vulgarizado] de descobrir a fraude; descuberta que lhe causou prazer tão vivo, que sem reparar que estava nu, saiu repentinamente do banho, bradando: «Achei-o! achei-o!»

Tendo a final Marcello, depois de aturado assedio, surpreendido Syracusa, ordenou, ao entrar na cidade, que respeitassem Archimedes; porém a applicação do mathematico aos seus estudos lhe custou a vida. Engolfado na solução d'um problema não deu pela tomada da praça senão quando se lhe apresentou um soldado para ordenar-lhe que viesse fallar ao seu general. Pediu-lhe o philosopho que esperasse um momento em quanto concluia uma operação geometrica; porém o soldado, que não percebia nada do que elle lhe dizia, o traspassou, no anno 208 antes de J. C. A morte deste grande varão causou acerba dor ao general romano, que lhe tractou os parentes com claras demonstrações de estima, e fez levantar-lhe um

tumulo em que estavam gravados um cylindro e uma esphera. Cicero, quando foi questor na Sicilia, descobriu esse monumento da veneração de Marcello ao sabio mathematico. Restam-nos d'elle alguns tractados cuja conservação devemos aos gregos que se refugiaram na Italia, depois da tomada de Constantinopola. As edições mais estimadas são a de Londres in 4.^o, e a de París in fol., 1615, que é a melhor.

VITALIDADE DO CARACOL.

QUANDO n'uma agradável tarde do estio, diz o celebre naturalista Mr. Boitard, succede cair uma chuva tepida e serena vereis á escassa luz do crepusculo sair um ente fragil, habitante dos vossos jardins, do seu escondrijo inaccessivel aos raios do sol, e arrastar-se lentamente por cima das folhas das flores e dos arbustos, levando sobre o dorso a sua casa, luzente qual a madre-perola, e aformoseada com circulosinhos que formam roscas da côr negra a mais intensa e brilhante. É cêgo, porém defendem-lhe a cabeça quatro corninhos ou tentaculos, de tão rara sensibilidade, que o advertem da visinhança dos corpos ainda antes de tocar-lhes. Ao minimo choque, ao mais leve contacto encolhem-se os tentaculos, como os dedos de uma luva, e depois entram na cabeça e desaparecem: esta tambem se recolhe a casa, e do animal fica sómente á vista a concha. Conhecereis por isto o caracol ou caracolino das arvores (*Helix nemoralis. Lin.*) com que repetidas vezes brincastes na meninice. Este ente, tão fraco na apparencia, possui todavia uma assombrosa força de reproducção.

Aproveitemos o momento em que, caminhando sem susto, estende para a frente os quatro tentaculos, e com um bistori ou uma navalha cortemos-lhe a cabeça. A dor o obriga a recolher immediatamente para casa o resto do corpo, e um liquido viscoso, ou baba, se derrama com abundancia. Este humor, secco ao ar, gruda com tenacidade as bordas da concha á superficie do corpo em que a puzeram. Se depositardes deste modo o animal n'um lugar abrigado das intemperies do ar, e principalmente dos raios desecantes do sol, permanecerá em perfeita immobildade, por espaço de quinze ou vinte dias, deixando ao vosso arbitrio o da-lo por morto.

Que mysterio se desenvolve dentro d'essa concha hermeticamente fechada, que o rouba aos olhos avidos e curiosos do observador? Eu o ignoro; mas o resultado nos patenteará um dos mais extraordinarios phenomenos da natureza, e podereis então formar os mais profundos raciocinios ácerca dos impenetraveis designios da Providencia, que concede á mais miseravel das creaturas, a um vil caracol, que roja pelo lodo, a preeminencia d'uma faculdade milagrosa, um dom inaudito, que recusou a todos os animaes mais perfectos, que, sobre tudo, negou ao homem, esse ente o mais precioso da criação. Expirou o praso; consummou-se o prodigio. Vereis a concha começar a levantar-se por effeito d'um movimento imperceptivel; brotam de varios lados uns jorrosinhos d'um liquido limpido, que dissolve o primeiro, e desgruda o caracol do corpo a que estava pegado. Eis que, erguendo o animal a concha, o vedes sair della com uma nova cabeça, armada dos quatro tentaculos, munida de labios e queixos, e, em uma palavra, tamanha e tão completa como aquella de que o privastes. Quem attentar na importancia do orgão amputado deverá ficar absorto á vista de tal maravilha, ou resignar-se a nunca sair da ignorancia, porque não ha assumpto que mais convide á meditação. A conformação do caracol apresenta tambem uma particula-

ridade não menos singular, qual a de ser ao mesmo tempo macho e femea como uma flor hermaphrodita.

TRABALHO E PACIENCIA MAL APPLICADOS.

REFERE um inglez erudito ter visto, em 1687, um carogo de cereja, sobre o qual estavam delicadamente gravadas 120 cabeças differentes, porém com tão pouca confusão que a simples vista podia distinguir, pela configuração das mitras e coroas, as que pertenciam a papas, a imperadores ou a reis. Este objecto, fabricado na Prussia, foi alli comprado por 1:200 \$ rs. por um individuo, que o trouxe para Inglaterra, onde lhe deram tal valor que a sua posse motivou uma longa e intrincada demanda, que foi levada ao tribunal do chanceller.

Faz isto lembrar o carro de marfim, construido por Mermeoides, e tão pequeno que, dizem, uma mosca podia cobri-lo todo com uma só asa; e o navio, feito da mesma materia, que uma abelha occultava, sem custo, debaixo sómente de metade do seu corpo.

Plinio refere que os quinze mil versos da Iliada de Homero foram reunidos, por um copista, em folhas de dimensões taes, que cabiam todas dentro d'uma casca de noz; e Eliano falla n'um artista que escreveu em lettras de ouro certo disticho, que podia depois encerrar na casca d'um grão de trigo.

No tempo da rainha Isabel houve na Inglaterra um copista, que consumiu annos em reproduzir a Biblia n'um pequeno manuscripto, que encerrava n'uma noz, é verdade que escolhida d'entre as mais graúdas. O que é mui singular é que o escriptor sujeitou-se espontaneamente á lei de dar ao seu livro não tantas folhas quantas tinha o modelo, e de trasladar fielmente para cada pagina as palavras contidas na pagina correspondente da edição gigante. Milhares de pessoas, diz o escriptor que nos transmittiu estas particularidades, admiraram este phenomeno de paciencia e trabalho.

Mui ampla poderia ser esta lista de curiosidades inuteis que, se attestam o poder do homem, quando concentra e applica todas as suas faculdades para o desempenho de uma só empreza, provam igualmente o como póde algumas vezes prostitui-las a cousas futeis.

SUPPLICIO DA CANGA.

Os CHINS alem da pena de morte, que fazem executar de diversas maneiras, quer mandando degollar ou estrangular o criminoso, quer cortando-o, como dizem, em dez mil pedaços, usam de outros castigos secundarios. Alguns criminosos são condemnados a arrastar as barcas reaes, outros marcados nas duas magãs do rosto, outros obrigados a levar á cabeça volumosas pedras que ás vezes chegam a pesar sete ou oito libras, outros finalmente agoitados com o *pan-tscé*, especie de bambú; todos estes castigos reparte-os o mandarim com equidade, segundo a gravidade dos delictos; porém o mais usado, e ao mesmo tempo o mais caracteristico, é aquelle a que damos o nome de *cangas*.

A sua efficacia consiste menos na dor do que na infamia que causa. Compoem-se a canga de duas pranchas com um buraco redondo no meio, por onde só cabe o pescogo do reu, que, depois de unidas, não é senhor de ver os pés, nem de levar ás mãos á boca, e carece que outrem lhe ministre a comida. Em ambas as faces da canga costumam grudar umas tiras largas de papel em que estão escriptos em grandes caracteres o delicto que se pretende castigar e o tempo que deve durar a pena, para que qualquer viandan-

te possa ler: *é um ladrão, ou um sedicioso, ou um jogador, condemnado a trazer a canga dois ou tres mezes na praça de . . .* Não é preciso dizer que sempre são preferidos os logares de maior concurrencia, as praças, as encrusilhadas, a porta d'alguma cidade ou templo.

Corresponde este castigo ao da golilha, porém aggravado, e espaçado inconvenientemente, porque nós limittamo-nos a expor o culpado á vergonha o tempo restrictamente necessario para que aprenda a conhece-la e a recea-la, porém na China dam-lhe tempo para se familiarisar com ella, e avesar-se a vence-la e olha-la com desprezo.

Todavia a canga causa tormentos physicos, e mau é porem-lha aos hombros, pois ha-de forçosamente traze-la de dia e de noite até o momento designado para lhe darem a liberdade. O peso ordinario da canga anda por cincoenta até sessenta libras, mas quando os delictos são gravissimos chega a ser de dusetas libras. Em taes circumstancias acontece muitas vezes, que a tristesa, a confusão, a dor, a falta de alimento e de somno, juntos á penosa oppressão da carga, podem causar a morte do infeliz a quem já não é dado esperar piedade. É verdade que ha meios engenhosos de diminuir o rigor do castigo, mas nem todos podem emprega-los. Alguns descangam a canga sobre uma mesa ou um banco; outros mandam fazer uma cadeira em que estão sentados entre quatro columnas d'igual altura, que servem para suspender a colleira; os mais descarados deitam-se de barriga, e servem-se do buraco onde teem o pescoço como de uma janella para verem quem passa. Alguns gosam a sociedade dos seus parentes e amigos, que os acompanham, e revesam-se para alternadamente os ajudarem a levar a carga ignominiosa.

Findo o praso prescripto pelo mandarim, tornam os seus officiaes a levar o culpado á sua presença, e aquelle, depois de exhorta-lo á emenda, manda-o embora, porem quasi nunca antes de lhe ter mandado dar, como correcção final, umas vinte bastonadas, tempero necessario de todos os actos da justiça n'um paiz de que se póde dizer que o governo não sabe andar senão encostado a um pau.

Antonino, por antonomasia, opiedoso, foi um dos imperadores romanos, que maior estimação mereceram ao povo. Foi um Socrates collocado no throno, e a fama posthuma bemdiz a sua memoria. Fez-se sobre tudo notavel pelo seu esquecimento e perdão das injurias; e encetou o seu reinado logo com um acto de clemencia. — Alguns senadores tinham conspirado contra elle por ambiciosos; mas a sua magnanimidade não tolerou que se perseguissem os cúmplices, dizendo que lhe não daria honra, nem satisfação, se viesse a constar que elle era aborrecido de muitos dos seus concidadãos.

Quando era apenas proconsul, chegando a Esmyna, deram-lhe quartel em casa do sophista Polemon, que nessa occasião se achava no campo; quando este voltou e achou a casa occupada, queixou-se, clamou, e fez tanto estrondo, que constrangeu o proconsul a ir alta noite accommodar-se em outra parte. Com o lapso do tempo, e já sendo Antonino imperador, succedeu vir Polemon a Roma, e, ou esquecido, ou fingindo-se tal, foi cumprimentar o monarcha. Antonino o recebeu com agasalho, e lhe disse agradavelmente: *«Eu vos mando preparar um quarto decente no meu palacio; podcis aeeita-lo sem escrupulo, e sem temor de que alguem vos faça despejar delle em qualquer hora.»*

Este mesmo principe repetia em muitas occasiões

complacientemente as celebres palavras de Scipião o africano: *«Eu mais quero conservar um só cidadão do que exterminar um milheiro d'inimigos.»*

Potencia das machinas de vapor.—Reputam serem dez mil as machinas de vapor que a industria ingleza conserva em activo serviço. Supponhamos, por approximação, que, por um termo medio, seja a potencia de cada uma equivalente á de vinte cavallos, e que a força d'um cavallo equivalha á de seis homens: eis-aqui pois o trabalho penoso de cem mil cavallos, ou de *um milhão e duzentos mil homens*, substituido é completamente desempenhado pelas machinas de vapor que tem a Inglaterra sómente.

Amor delicado de mais.—No Espectador, antigo semanario de Inglaterra bem conhecido, se lê a seguinte anecdota.

Um dia destes certo homem, ainda moço e de grandes esperanças, resolveu deitar-se da ponte de Londres abaixo, o que com effeito fez, levando as algebeiras carregadas de chumbo para se affogar logo. A razão que teve para fazer esta doudice, foi porque a mulher a quem amava, querendo dar-lhe uma chicara de chá teimou em lava-la primeiro, por se ter servido já della para o mesmo effeito. O rapaz assentou que lhe perdera o amor, e resolveu-se a acabar.

SEMANARIO HISTORICO.

Annos
de
J. C.

7 de Janeiro.

- 1325 — Morre em Santarem elrei D. Diniz com 64 annos de idade, e de reinado 46.
- 1355 — É assassinada neste dia, em Coimbra, D. Ignez de Castro.
- 1715 — Falleceu Fenelon, o auctor do Telemaco.
- 8
- 1642 — Morte do celebre philosopho e astronomico Galileu.
- 9
- 1242 — O Mestre de Santiago D. Paio Peres Corrêa toma Silves aos mouros.
- 10
- 1778 — Morre o naturalista Linneu.
- 11
- 1574 — Attacada Malaca por 300 vellas e 15 \$ 000 Jáos, defendem-se os portuguezes obstinadamente, matando muitos inimigos, queimando-lhes trinta galeões, e obrigando-os a retirarem-se, destrogados, neste dia.
- 12
- 1507 — Tristão da Cunha e Affonso de Albuquerque tomam e arrazam a cidade de Oja na Costa de Moçambique.
- 1627 — Naufragio da armada portugueza, capitaneada por D. Manuel de Menezes, nas costas de França, juncto a S. João da Luz. Perdem-se duas naus da India carregadas de riqueza, cinco galeões, 2600 homens, e tresentas peças de artilharia de bronze.
- 13
- 1583 — É jurado, nas cortes de Lisboa, principe herdeiro de Portugal, o filho mais velho de Philippe 2.^o, que succedeu a este, com o nome de Philippe 3.^o de Hespanha e 2.^o de Portugal.
- 1790 — Suppressão das ordens monasticas em França.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.